



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

BÁRBARA ELAINE GONÇALVES

**A VISÃO DE DEUS E RELIGIÃO EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR: UM
ESTUDO ATRAVÉS DE DESENHOS EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO - BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

BÁRBARA ELAINE GONÇALVES

A VISÃO DE DEUS E RELIGIÃO EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR: UM ESTUDO ATRAVÉS DE DESENHOS EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO - BA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

G625v

Gonçalves, Bárbara Elaine.

A visão de Deus e religião em crianças em idade escolar : um estudo através de desenhos em Santo Amaro da Purificação - BA / Bárbara Elaine Gonçalves. - 2020.

44 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola.

1. Crianças - Vida religiosa - Santo Amaro da Purificação (BA).
2. Imagem de Deus.
3. Religião nas escolas públicas - Santo Amaro da Purificação (BA). I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 248.8208142

BÁRBARA ELAINE GONÇALVES

A VISÃO DE DEUS E RELIGIÃO EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR: UM ESTUDO ATRAVÉS DE DESENHOS EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO - BA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em 13 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola (Orientador)

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Dra. Erica Aparecida Kawakami Mattioli

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos

Professora Adjunta do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos anjos de luz por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À Unilab, que me oportunizou a janela que hoje me fez vislumbrar um horizonte superior.

Ao mestre, amigo, incentivador Carlos Maroto Guerola pelo suporte dado em todos os momentos na elaboração e conclusão do meu trabalho.

Ao meu marido Cleverson e às minhas filhas Brenda e Lyra por serem o meu incentivo diário. E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Meu trabalho tem como o tema a visão de Deus e religião em crianças em idade escolar, focalizando num estudo através de desenhos em Santo Amaro da Purificação / BA. O objetivo é discutir o descontentamento e afastamento das crianças no âmbito escolar com relação a atividades sócio-culturais que são por alguns segmentos da sociedade associadas com certas matrizes religiosas. A escola em que desenvolvi a pesquisa, uma escola pública, segue doutrinas religiosas demarcadas a todo instante com cartazes, mensagens e orações impressas nas paredes. A bibliografia estudada aponta que o objetivo da escola não é interferir na escolha religiosa do aluno e sim mostrar momentos e elementos culturais que enriqueçam o desenvolvimento da criança. A pesquisa foi realizada com a presença da família, em diferentes locais, em meio a conversas e desenhos feitos pelas crianças. Foi através das representações desenvolvidas pelas crianças que notei a relevância de suas expressões com respeito a religiosidade, escola e família.

Palavras-chave: Crianças - Vida religiosa - Santo Amaro da Purificação (BA). Imagem de Deus. Religião nas escolas públicas - Santo Amaro da Purificação (BA).

RESUMEN

Mi trabajo tiene como tema la visión de Dios y la religión en los escolares, centrándose en un estudio a través del dibujo en Santo Amaro da Purificação / BA. El objetivo es discutir el descontento y el retraimiento de los niños en la escuela en relación con las actividades socioculturales que se asocian a determinadas matrices religiosas por determinados segmentos de la sociedad. La escuela donde desarrollé la investigación, una escuela pública, sigue doctrinas religiosas demarcadas en todo momento con carteles, mensajes y oraciones impresas en las paredes. La bibliografía estudiada señala que el objetivo de la escuela no es interferir en la elección religiosa del alumno, sino mostrar momentos y elementos culturales que enriquezcan el desarrollo del niño. La investigación se realizó con la presencia de la familia, en diferentes lugares, en medio de conversaciones y dibujos realizados por las niñas. Fue a través de las representaciones desarrolladas por las niñas que noté la relevancia de sus expresiones con respecto a la religiosidad, la escuela y la familia.

Palabras-clave: Imagen de Dios. Niños - Vida religiosa - Santo Amaro da Purificação (BA).
Religión en las escuelas públicas - Santo Amaro da Purificação (BA).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Deus na visão de Nicole	31
Figura 2	Deus na visão de Emily	33
Figura 3	Deus na visão de Ana Sophia	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	A PESQUISADORA	10
1.2	OBJETIVOS E PERGUNTAS DE PESQUISA	13
1.3	METODOLOGIA: POR QUE E COMO SE FAZER PESQUISA COM CRIANÇAS ATRAVÉS DE DESENHOS INFANTIS	13
2	LEVANTAMENTO DE PESQUISAS COM DESENHOS INFANTIS	16
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: INFÂNCIA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO	18
4	O CONTEXTO DE PESQUISA	22
5	COMO FOI DESENVOLVIDO ESTE ESTUDO	29
6	DESENHOS E CONVERSAS	31
7	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	37
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

1.1 A PESQUISADORA

Meu nome é Bárbara Elaine Gonçalves. Sou natural de Santo Amaro da Purificação – Bahia e nascida em 24 de maio de 1983. Fui abandonada pela minha mãe biológica e, posteriormente, acolhida pela família que a criou. É uma família grande constituída de aproximadamente vinte pessoas entre pais, irmãos, sobrinhos, etc. É basicamente uma família simples, de raiz humilde, pessoas que sempre tiveram perspectiva de vida, ainda que sua origem simplória marca-se o seu futuro. Vivíamos entre a cidade e a roça, num lugarzinho bom de se viver, localizado nas proximidades de Santo Amaro, precisamente denominado de Pedra, onde tivemos uma infância simples, regada de perspectivas futuras. Em um determinado período, houve mudanças por determinação dos membros mais velhos da casa para que todos os filhos pudessem estudar, de modo que os mesmos pudessem crescer profissionalmente.

Assim aconteceu! Toda a família retornou para a cidade de origem, Santo Amaro. Quase todos estudaram, com exceção da minha vó Maria Marcelina dos Santos, negra, analfabeta, mas que fez questão de que todos estudassem. Assim foi feito, inclusive comigo. Desde a infância estudei nas melhores escolas particulares da cidade. Nas séries iniciais, até a 1ª série estudei na Escola Santa Inês; da 1ª a 5ª série, estudei no São José; da 6ª até a 8ª, estudei na Escola Estadual Senador Pedro Lago, onde tive a minha primeira experiência na escola pública. O aprendizado foi legal, enriquecedor. Em seguida adentrei em outra escola, a Escola Estadual Teodoro Sampaio, onde concluí o 2º grau em formação geral.

Daí então parei de estudar por longos anos até que a vida se encarregou de me apresentar ao senhor mundo, senhor dos senhores, que pisou-me até enxergar que os caminhos que passava não eram os que estavam preparados para mim. Mediante o curso da vida, retornei aos estudos: comecei com cursos do Senai, oficinas promovidas pela prefeitura local, etc. Devido a conflitos familiares, passei a viver só, aluguei uma casa e passei a conduzir a minha vida da forma que achava que estava correta. Mas a vida se encarregou de me mostrar que não era tão simples quanto parecia, surgindo assim as dificuldades, as humilhações do dia a dia. Cansada de tudo resolvi voltar a estudar! Já que necessitava de uma mudança radical, não tinha outro caminho a não ser os estudos.

Foi quando resolvi prestar o Enem. Amo História mas costumo dizer que Letras me escolheu! Não vou ser hipócrita, nunca pensei em ser professora, pois sempre sonhei em servir a Marinha, gosto de armas, queria muito ser atiradora de elite. Mas! Ainda que meu coração queira algo, quem dá a palavra final na minha vida é Deus.

Aqui estou na Unilab! Costumo dizer que o Candomblé e a Unilab andam de mãos dadas na condução da minha melhora de vida! Pois o Candomblé me livrou de caminhos errôneos e a Unilab me salva a cada dia da vulnerabilidade social, me mostrando que posso ir além, independente de uma vida traçada por meio do destino. A Unilab me diz todos os dias que somos senhores do nosso destino!

Exporei agora o motivo da escolha do tema deste meu TCC:

É notável o descontentamento das crianças no âmbito escolar com relação às atividades culturais atribuídas pelos cronogramas educacionais responsáveis. Trabalhei como monitora nos projetos *Mais Educação* e *Mais Alfabetização* na cidade de Santo Amaro da Purificação, particularmente, nas escolas municipais Professora Carminha, Lafayette Coutinho e Prado Valadares.

Esses projetos são trabalhados de forma direta com os alunos, com atividades embasadas no planejamento da professora regente. Todos os conteúdos são trabalhados de maneira lúdica para melhorar o desenvolvimento do aluno.

Foi a partir dessa experiência, na qual estive inserida diretamente na comunidade escolar, que notei o afastamento de alguns alunos diante das atividades aplicadas nos projetos e das manifestações culturais trabalhadas nas escolas. Tive o privilégio de conversar com algumas dessas crianças para tentar compreender o não aproveitamento das atividades culturais oferecidas pelas instituições.

Essa problemática foi apresentada e comprovada por algumas crianças! Criei um vínculo de amizade com elas; sem fugir das minhas responsabilidades, pude conquistar a sua confiança e entender melhor o que acontecia.

Organizei uma roda de conversa, com algumas dinâmicas como o uso de cartazes e do quadro negro, para não parecer uma conversa séria. A cada posicionamento, as crianças ganhavam balas e brindes para que participassem expondo suas ideias do seu jeitinho. Afinal, são crianças.

Através dessas dinâmicas foram aparecendo suas insatisfações, alegrias, descontentamentos! Eles tinham vontade de participar das atividades organizadas pela escola, mas deixavam transparecer também uma corrente de discurso elaborado, formado e perpassado

pelos seus mediadores e responsáveis: as crianças tinham internalizadas certas “verdades” misturando cultura e religiosidade.

Não é ético contestar ideologias e escolhas alheias, até porque não é fácil desconstruir algo que já está construído. Porém, a problemática sempre surgia em alunos que frequentavam, por um motivo ou outro, determinadas religiões, mediadas pelos seus responsáveis. Elas achavam que as atividades culturais trabalhadas na escola pertencem a uma herança religiosa da qual elas não fazem parte. Elas questionavam certas práticas e conhecimentos por não estarem de acordo com o aprendido com as suas famílias. Com isso, os embates eram constantes entre pais, mestres e alunos. Os conflitos vão além dos portões da escola, são trazidos do cotidiano social.

Hoje as escolas públicas são laicas mas nem sempre foi assim! Talvez seja esse o motivo real para as exclusões sociais, religiosas e culturais vivenciadas no âmbito educacional.

Incrível! Pois os embates não aconteciam em todas as comemorações: tinha sempre datas específicas como o dia da consciência negra, o dia do folclore, etc, que tinham simbologia associada a religiões diferentes das religiões dessas crianças e dos seus pais.

Daí então entendi as insatisfações apresentadas por algumas crianças! Eram de fato proibidas de participar dos eventos culturais da escola.

— Não posso participar, tia! Porque minha mãe disse que isso é festa do diabo! E se eu participar Deus vai me castigar.

Tentei desconstruir isso de imediato! Mas como já foi dito não é fácil, pois, ainda que de maneira errônea, isso já foi aprendido pelas crianças e temos que respeitar as concepções alheias.

Esse foi o real motivo da escolha do meu tema: a exclusão de crianças nas atividades culturais no âmbito escolar, a qual, de certa forma, vem desfavorecendo o legado deixado pelos nossos antepassados, que é confundido, a todo instante, com manifestações religiosas. Isso tem consequências reais para o aprendizado.

1.2 OBJETIVOS E PERGUNTAS DE PESQUISA

O objetivo geral deste trabalho é estudar a forma em que crianças percebem a realidade e a representam através de desenhos. Busco responder à seguinte pergunta geral: de que forma crianças percebem a realidade e a representam através de desenhos?

Os objetivos específicos deste trabalho são: a) Analisar e interpretar a visão que crianças de ensino fundamental de uma escola pública de Santo Amaro da Purificação (BA) têm sobre *Deus e Religião*; b) Investigar, através de desenhos elaborados por essas crianças, a possível relação dessa visão com a visão dos adultos responsáveis por elas. Busco responder às seguintes perguntas específicas: a) Como crianças de ensino fundamental de uma escola pública de Santo Amaro da Purificação (BA) compreendem as ideias de *Deus* e de *religião*?; b) O que é que desenhos elaborados por essas crianças nos dizem sobre essa visão e sobre a relação entre a mesma e a visão dos seus pais sobre essas ideias?

1.3 METODOLOGIA: POR QUE E COMO SE FAZER PESQUISA COM CRIANÇAS ATRAVÉS DE DESENHOS INFANTIS

São diversas as relações entre desenho e linguagem. Em primeiro lugar, a linguagem verbal medeia, segundo Vygotski (1991 apud NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008), o desenvolvimento do desenho infantil. Em segundo lugar, o desenho é, em si mesmo, uma forma de linguagem (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008), do mesmo jeito que o gesto e a fala (GOLDBERG; FROTA, 2017). Segundo Goldberg e Frota (2017), a criança desenha para falar, e o desenho, que é a sua primeira forma de escrita, serve para que ele possa registrar sua fala. Assim, “desenhos infantis são palavras” (PORCHER, 1973, apud GOLDBERG; FROTA, 2017, p. 176). Tanto o desenho infantil é palavra, que, para Mèredieu (2004, apud GOLDBERG; FROTA, 2017), o desenho é uma língua com vocabulário e sintaxe próprios. A criança, ao desenhar, vai se apropriando de “um vocabulário plástico, que constitui uma verdadeira gramática” (GOLDBERG; FROTA, 2017, p. 177) através da qual a criança transmite mensagens do universo no qual se encontra inserida.

Dentre as suas línguas e linguagens, as crianças privilegiam o desenho para expressarem seu modo de ler a realidade (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008). Os desenhos infantis são, portanto, um espaço de acesso a significados da criança que ela muitas vezes não consegue expressar completamente ainda na sua fala (GOLDBERG; FROTA, 2017).

Falar e desenhar são linguagens e processos complementares. Assim, o momento em que a criança elabora o desenho é tão importante quanto o resultado dessa atividade (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008). Importa compreender o significado que a criança atribui ao desenho e isso vai sendo expresso na medida em que ele vai desenhando e a fala vai mediando a elaboração do desenho. A fala que a criança vai produzindo é que vai organizando o desenho (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008). Porém, é importante frisar que não é só a fala que organiza o desenho como também é o desenho que organiza a fala, pois esse é um processo dialético (SILVA, 1998, apud NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008).

Silva (1998, apud NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008) afirma que, desde uma perspectiva maturacionista, a arte de desenhar é entendida como algo natural e espontâneo. Porém, hoje, desde uma perspectiva histórico-cultural, se entende o desenho como uma construção social produto do cotidiano da criança. As crianças encontram na arte de desenhar o dialogo perfeito para expressar suas vivências, pois são as vivências da criança a semente para os seus desenhos. Assim, Ferreira (2001, apud NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008, p. 11) afirma: “Os significados das figurações do desenho da criança são culturais e produto das suas experiências com os objetos reais mediadas pela palavra e pela interação com o ‘outro’”.

Dermatini (2002 apud GOLDBERG; FROTA, 2017) afirma que são muito mais comuns os relatos *sobre* as crianças do que *das* crianças, no sentido de terem sido produzidos pelas próprias crianças. Assim, segundo o autor, a voz das crianças tem sido deixada em segundo plano. Hoje em dia, há críticas às pesquisas *sobre* crianças, havendo uma preferência por pesquisas *com* as crianças que mostrem o próprio ponto de vista delas. Compreende-se hoje que as crianças têm condição de falarem por si próprias de si e do seu mundo e que é preciso vê-las como sujeitos sociais.

O meio mais adequado para se escutar a visão das crianças sobre o seu próprio mundo é através da arte nas suas diversas manifestações, dentre as quais, como já apontei antes, se destaca o desenho. A arte é, assim, um “recurso precioso de pesquisa junto às crianças” (GOLDBERG; FROTA, 2017, p. 176), e o desenho infantil, “importante recurso de pesquisa, que deve ser preservado, estimulado e valorizado” (GOLDBERG; FROTA, 2017, p. 178). Através dos seus desenhos, a criança pode participar de pesquisas não como objeto e sim como sujeito ativo. Hoje, em diversas áreas de estudo, utiliza-se o desenho infantil, junto à oralidade, como principal instrumento de pesquisa.

Para se fazer pesquisa com desenhos infantis, é necessário trabalhar não apenas com os desenhos em si mesmos, mas com outros recursos auxiliares. Isso porque embora o desenho da criança seja produto da sua inserção no meio social e cultural, o significado que ela atribui ao que desenha muitas vezes só pode ser compreendido a partir da explicação que ela dá à sua produção. Assim, é importante que o desenho seja acompanhado da explicação da criança sobre o mesmo. Para além disso, é necessário considerar as condições de produção do desenho, assim como a relação entre o/a pesquisador/a e a criança. Importa também prestar atenção e se possível registrar a expressão oral da criança durante a produção do desenho, isto é, a forma em que ela verbaliza no momento da produção do desenho o que ela está desenhando. Assim sendo, “é por intermédio da imagem produzida e da verbalização sobre esta que se pode ter acesso aos sentidos atribuídos pelo sujeito à sua produção e, conseqüentemente, à realidade em que vive” (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008, p. 17).

2 LEVANTAMENTO DE PESQUISAS COM DESENHOS INFANTIS

No universo da pesquisa produzida a partir de desenhos infantis, encontramos trabalhos em diferentes áreas de estudo. Destacam-se, dentre elas, a Psicologia e a Educação, porém, há trabalhos também nas áreas de Música, Geografia, Semiótica e Enfermagem.

Na Psicologia, destacam-se: Grubits (2003), sobre a representação da casa por parte de crianças Guarani-Kaiowá, Bororó e Kadiwéu; Tardivo (2017), sobre o Desenho da Figura Humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica; Cariola (2006) analisa a personalidade de crianças com bruxismo a partir do Desenho da Figura Humana e dos indicadores emocionais de Koppitz; Natividade e Coutinho (2012), sobre os sentidos que as crianças atribuem ao trabalho; Fernandes (2006), sobre o desenho como recurso em psicoterapia com crianças; Prudenciatti, Tavano e Neme (2013) sobre o uso de desenhos com crianças com malformações craniofaciais na fase pré-cirúrgica; Gonçalves, Bortolotti, Menezes, Broering e Crepaldi (2014), sobre desenhos de crianças que passaram por cirurgias eletivas; Silva (1998), sobre a produção de desenhos em sala de aula por crianças pré-escolares; Peres (2003) sobre o uso de desenhos na pesquisa psicológica com crianças surdas; Menezes, Moré e Cruz (2008) sobre o uso do desenho em processos psicológicos com crianças hospitalizadas; Castro e Moreno-Jimenez (2010), sobre o Desenho da Figura Humana feito por crianças transplantadas de órgãos.

Na Música, Pacheco (2007) dedica-se ao estudo de desenhos infantis para pesquisar a percepção musical. Na Geografia, Santos (2016) aborda como crianças da Baixada Fluminense percebem o seu lugar de residência e o representam.

Já na Educação, Oleques (2016), estuda as características da produção gráfica de crianças com síndrome de Down; Silva (2016) aborda a importância do desenho infantil no desenvolvimento de crianças de 5 anos na educação infantil; Silva e Souza (2011) estudam a forma em que a imaginação e a linguagem se manifestam no desenho de crianças de pré-escola; Freitas (2016) estuda o desenho infantil como possibilidade de acesso aos significados de experiências inclusivas para crianças com necessidades especiais; Zerbato e Lacerda (2015) analisam a interrelação entre a atividade de desenhar e o desenvolvimento da linguagem de crianças surdas; Dias e Almeida (2009) estudam tipos de interações entre crianças mediadas por diferentes tipos de desenho; Tietze e Castanho (2016) estudam os significados que crianças atribuíram a um programa de educação integral através do desenho do Par Educativo; Escudeiro, Barbosa e Silva (2016) analisam a construção de uma sequência didática para

desenvolvimento do desenho do esquema corporal; Hister (2015) analisa o desenho como construção significativa em crianças em idade pré-escolar e de que forma o professor interpreta esse desenho; Oliveira Bonci (2014) estuda através de desenhos a representação de crianças sobre uma visita ao Parque Municipal Buenos Aires e seus monumentos em São Paulo.

Na Enfermagem, destaca-se o trabalho de Cavalcanti, Correia e Taveira (2019) sobre o desenho como expressão de emoções por parte de adolescentes com neoplasia.

Finalmente, na área da Semiótica e dos Estudos do Discurso, destaca-se Scareli e Da Silva Gava (2016) sobre a representação de sereias em desenhos infantis; e Tenuta (2005) sobre o desenho de cubos por parte de crianças.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: INFÂNCIA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO

Castelo Branco e Corsino (2015), num artigo com base nos resultados da sua dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, desenvolvida em uma escola de educação infantil da rede municipal de ensino de Duque de Caxias, cidade situada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, aborda atos discriminatórios fundamentados na religiosidade das crianças.

Ao ler todo o material, nota-se que a religiosidade no âmbito escolar ainda é uma problemática. Há um desencontro entre a instituição da família e da escola que impede que acabe a discriminação cultural e religiosa, ainda que teoricamente exista a laicidade em instituições de ensino públicas.

O estudo apontou que o objetivo da escola não é interferir na escolha religiosa do aluno e sim mostrar que os momentos culturais mencionados e percorridos em sala de aula são enriquecedores para o desenvolvimento cognitivo e cultural dos alunos.

Mudanças nessa circunstância estão diretamente ligadas ao crescimento moral no que diz respeito ao conhecimento sociocultural. O conteúdo do trabalho aponta o empenho dos educadores para lidar com uma realidade conflituosa que é presente verbalmente, fisicamente e que evidencia com bastante força o discurso religioso em prol da submissão e controle das crianças para que as mesmas adquiram um bom “comportamento”.

É nítido que a intenção real de Castelo Branco e Corsino (2015) é esclarecer que, infelizmente, somos fruto de discursos e concepções formadas do outro ainda que não sejam verídicos. O resultado dessa construção por muitas vezes não é pensado pedagogicamente falando, e isso se reflete numa série de conflitos internos, que acabam circulando no cotidiano social, pontuando o desinteresse na aprendizagem, o repúdio a um contexto religioso de fato desconhecido, havendo uma desarmonia entre perguntas e respostas no espaço escolar que perpassa a condição social dos envolvidos.

Com a quebra do silêncio sobre religiosidade no âmbito escolar, foi notório o quanto o ser humano é influenciado na sociedade em que vive, na qual as pessoas preferem permanecer e compartilhar um comportamento padronizado, uma influência direta de normas ditadas nos contextos aos quais pertencem.

Em meio a toda a controvérsia existente sobre o papel do Estado na questão do ensino religioso, histórico e cultural, como aponta Silva (2015), fundamenta-se a justificativa como

resposta contundente a todo um contexto de educação coletiva que abrange também a dimensão religiosa como uma dimensão inegável da pessoa.

Os estudantes, por sua vez, crescem perpassando todo esse aprendizado no âmbito social escolar, hesitando de participar nas atividades que valorizam todo o nosso histórico sociocultural.

Para que a liberdade religiosa de uma criança seja fundamentada é necessário que haja um consenso entre os seus “entendimentos”, escolhas e convicções, mediante um contexto de laicidade.

De acordo com o Artigo 14. 1. da Convenção sobre os Direitos da Criança, conforme citado em Silva (2015), os estados (e suas instituições, como, por exemplo, as escolas públicas) precisam respeitar o direito da criança à liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A busca, dentro dessa perspectiva, é a compreensão do indivíduo, respeitando-se, e, acima de tudo, valorizando-se a diversidade humana. É dever dos pais e, se for o caso, dos representantes legais, orientar a criança no exercício dos seus direitos. Resumindo! Mediação e não intervenções diretas aos projetos educacionais que são necessários para o desenvolvimento da criança em âmbito escolar.

No seu texto, *Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância*, Domingos (2009) afirma que, para Delars (1999, apud DOMINGOS, 2009), conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser são, sem dúvidas, alguns dos maiores desafios da educação. O autor pontua a intolerância que, para ele, “é fruto do desconhecido, da ignorância de formas de vida outras que não aquelas que julgamos corretas, que fogem dos padrões do convencionalizado pelo grupo social ao qual pertencemos” (p. 58). Segundo o autor, não há um interesse na história do outro até porque o desconhecimento muitas vezes é fruto da falta de interesse dos ouvintes e dos falantes.

Como se sabe, colecionamos em nossos lares ainda os resquícios de uma tortuosa colonização, mesmo sabendo que uma parcela significativa da sociedade brasileira já se deu conta que é chegado o momento de dar um basta a essa situação, até porque convivemos dentro de um contexto enriquecido cujo menosprezo seria irracional.

O autor também pontua a necessidade de capacitar os educadores para que conflitos de correntes diferentes sejam sancionados, compreendidos e desconstruídos no âmbito escolar.

A laicidade não é uma temática de fácil aceitação. Consideramos que a melhor maneira de contribuir para essa discussão consiste no diálogo entre escola, sociedade, família, alunos, professores e demais profissionais da educação, de modo que esses possam discutir e interagir

racionalmente respeitando o histórico, as ideologias e as crenças alheias, até porque o ambiente escolar é onde aprende-se a igualdade de direitos e de conhecimento das diversas possibilidades de ver o outro.

Para Condorcet (1994, apud DOMINGOS, 2009), a moral é concebida como uma ciência e a escola promove ensino e instrução. O ensino religioso na escola pública e suas implicações deve desenvolver o senso de respeito e tolerância dos alunos em relação aos outros e a si próprio.

Domingos (2009) aborda a influência direta dos fatos ocorridos no passado, assim como dos modelos de educação existentes hoje, emergentes de uma história de desigualdade alimentada pelas atitudes daqueles que mantinham o monopólio do ensino.

Discutindo as principais questões postas ao ensino religioso em escolas públicas, enfatizando o dia a dia dos alunos quanto aos aspectos jurídicos e ao seu legado histórico, a intervenção nesse aspecto deveria ocorrer de forma positiva com intenção de eliminar as desigualdades raciais, religiosas e culturais.

A real proposta dos estudos feitos é resgatar o ensino religioso em meio a todo o desenvolvimento ocorrido, enfatizando as mudanças ocorridas e garantindo a laicidade no âmbito social e educacional adotada pelas escolas públicas brasileiras.

Convém salientar que essa não é uma missão das mais simples, o processo é gradativo e exige conscientização, trabalho, força de vontade e dedicação.

Acredito que estamos no caminho certo. No ensino religioso na ação educativa, precisa-se de clareza e ideias constituídas através do convívio direto com as possíveis diferenças relacionadas as tradições religiosas.

Para Bobbio (2002, apud CUNHA; BARBOSA, 2011, p. 173), “a tolerância é exercida perante aquilo que se considera um mal” mas que, por prudência, se suporta. Há ações que podem vir a gerar futuramente muita polêmica, em meio a quem defende, entende e embasa métodos e medidas em prol de melhores condições sociais, independentemente dos prós e dos contras encontrados como alternativas para esse abismo histórico que teve início a partir de todo ato colonizador.

Finalmente, desejo apontar que, para Bakhtin (2006), as crianças se encontram numa cadeia de enunciados dentro da qual elas vão constituindo seus discursos, isso implica que as crianças levem para o ambiente escolar tudo que lhes é atribuído no convívio com seus pais ou responsáveis. São valores que as crianças dividem em suas interações, principalmente quando estão em meio às outras. As mesmas nem sabem ao certo o que serve nem para que serve!

Simplesmente obedecem sem questionar! São apenas crianças que ainda não tem suficientemente desenvolvida a capacidade de pensar criticamente, simplesmente aceitam por um determinado período de suas vidas. O resultado dessa corrente de enunciados por muitas vezes ocasiona que o aluno em sala de aula tenha um comportamento singular, não se comunicando ou não se relacionando com a turma quando as aulas abordam assuntos como namoro, eventos culturais, drogas e principalmente datas religiosas.

É difícil até saber o que os mesmos acham de tudo isso, pois sempre há questionamentos. A criança já entra na escola dentro de um pensamento coletivo. Vamos refletir: Uma criança de, digamos, sete anos de idade, que, de repente, encontra-se em um determinado lugar, onde se diz que existe alguém invisível lá no céu, que sabe de tudo que fazemos e que esse mesmo ser exige que você cumpra com regras, porque senão, quando você for lá para o céu, você será julgado pelos seus feitos!

Imagina tudo isso na cabecinha de uma criança e a mesma ter que internalizar a praticar tudo isso e mais um pouco no âmbito social e escolar. Sinceramente, se eu fosse uma dessas crianças, obedeceria sem questionar! Obedeceria aos meus senhores!

Que pena que muitas crianças não recebem a oportunidade de pensar criticamente antes de acatar uma religião, pois não há um diálogo, elas estão presas a uma teia de significados tecido por outros. Assim ocorre no universo da escola no âmbito da qual desenvolvi esta pesquisa.

4 O CONTEXTO DE PESQUISA

A escola investigada para o meu TCC é uma instituição pública do município de Santo Amaro. A escola investigada atende cerca de 150 crianças de 7 a 12 anos de idade, divididas por faixa etária, em oito turmas, no período diurno e vespertino.

Cada uma das turmas conta com uma professora com o nível superior, com uma auxiliar com formação de magistério, na modalidade normal. Na escola há também monitoras de programas com o *Mais Educação* e *Mais Alfabetização*, e uma auxiliar para crianças com necessidades especiais. A escola também conta com uma equipe de coordenação (coordenadora pedagógica, diretora e secretária), além de uma equipe de cozinha, composta por quatro cozinheiras e duas faxineiras. Além desses funcionários, a escola recebe a visita da supervisora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação.

A escola está localizada em frente a uma comunidade de baixa renda. No entorno, há uma escola de ensino fundamental da rede pública municipal. Além de comércios locais, existem no bairro duas igrejas, uma evangélica e outra católica, e um terreiro, nas proximidades da escola. As duas instituições de ensino, à época da pesquisa, não tinham à mostra, nos seus muros, nada que confirmasse a religiosidade delas.

Dentro da escola, porém, a religião parecia estar por toda parte: Nas paredes da secretaria, havia um crucifixo, juntamente com mensagens xerocopiadas, impressas em cartazes com mensagens religiosas (como, por exemplo, “Deus é amor”). Nas estantes das salas, havia livros didáticos com temáticas diferenciadas, destinados às crianças, dentre os quais se encontravam alguns de conteúdo religioso, como, por exemplo, a Bíblia, orações impressas, que marcavam presença também na sala dos professores.

A escola é ampla com poucos corredores. Nas paredes, há cartazes ilustrando a natureza, datas comemorativas, citações de versículos bíblicos e pinturas feitas por crianças do primeiro e segundo ano em exposição.

No que diz respeito à rotina da escola, o dia se inicia com a chegada das crianças, que aguardam no primeiro portão o horário da entrada, que é às oito horas da manhã. Pontualmente, as crianças entram no espaço escolar, que é protegido por mais um portão que reforça a segurança das mesmas. Logo em seguida, quase todas as crianças são colocadas em fila, série por série. Na fila, elas aguardam atenciosamente o início da oração, que é mediada pelos gestores e professores. Algumas crianças permanecem nesse momento aguardando no segundo portão: são as crianças que já possuem uma escolha religiosa orientada pelos seus pais.

A oração é iniciada com o Pai Nosso, Ave Maria e, em seguida, todos pedem para resolver os seus problemas e pedem também suas bênçãos. As crianças oram nos seus lugares, do seu jeitinho. A oração termina e todos são orientados a seguir para suas salas, que estão divididas entre 1º e 4º ano. É então que aqueles que permaneceram fora da escola juntam-se com os seus coleguinhas.

As crianças correm para dentro de suas salas, para pegar o seu lugar preferido. A alegria e angústia são visíveis pelos colegas. A professora se apresenta cumprimentando a todos e prossegue com a sua aula conforme planejado. No seu planejamento, a leitura deleite está em primeiro lugar, pois, para ela, isso traz calma para o ambiente e as crianças conseguem relaxar, prestam atenção na história, comentam e ainda aplaudem ao término, aguardando assim, o desenrolar da aula.

Após o primeiro momento, a professora começa a explicar como será a aula nesse dia. Durante o desenvolvimento das atividades, as crianças fazem questionamentos e a professora tira as suas dúvidas.

Na hora do lanche as crianças são conduzidas para o pátio da escola e todos os alunos interagem entre si e com os colegas com que têm mais afinidade. Correm, conversam, trocam merendas, caem, levantam. Isso tudo é observado pelos funcionários responsáveis, que aproveitam o momento para conversar e descontraír.

Após esse momento, as crianças retornam às atividades do segundo momento em sala de aula, onde a professora continua explicando o conteúdo e as crianças interagem de acordo as suas dúvidas e entendimentos. Durante todo o horário de funcionamento escolar, além dos professores estarem em suas salas de aula, os demais funcionários estão desenvolvendo as suas atividades para que o trabalho interno da instituição esteja em perfeito funcionamento.

Às 11h30 bate o sinal de encerramento das aulas e, assim, todos já sabem que o turno findou. Os responsáveis pelas crianças aguardam por elas no segundo portão, por onde elas saem, se despedindo dos seus professores, colegas, pontuando para os seus responsáveis como foi a sua manhã. E todos os funcionários se despedem para que assim possam retornar no turno oposto.

Há várias datas comemorativas que são celebradas na escola, dentre as quais, destaco, o Dia da Mulher (08/03), o Dia do Circo (25/03), o Dia do Hino Nacional Brasileiro (13/04); o Dia Nacional do Livro Infantil Monteiro Lobato (18/04); o Dia do Índio (19/04); o Dia de Tiradentes (21/04), o Dia do Descobrimento do Brasil (22/04), o dia das mães (segundo domingo de maio), Dia de Santo Antonio (13/06), Dia de São João (24/06), Dia de São Pedro

(29/06), Dia da Independência da Bahia (02/07); Dia da Vovó (17/07); Dia dos Pais (segundo domingo de agosto), Dia do Folclore (22/08), Dia da Independência do Brasil (07/09), Dia das Crianças (12/10), Dia da Proclamação da República (15/11); Dia da Consciência Negra (20/11) e Natal (25/12).

O ano letivo se inicia no mês de março, lógico, com um pouco de atraso. Geralmente todos os festejos são comemorados coletivamente. Cada professor se encarrega de atribuir aos seus alunos todo o conteúdo, explicando aos mesmos a importância das comemorações das datas que mensalmente são lembradas, cada uma no seu dia e no seu período determinado. A gestão se encarrega em apoiar cada profissional. É feito todo um planejamento no qual todos se reúnem sempre para falar sobre o que vai ser trabalhado e como. Graças à compreensão de todos, sempre acaba dando tudo certo, pois o corpo da escola compreende a importância da coletividade.

Algumas datas são lembradas e outras comemoradas, o ideal para mim seria que todas fossem festejadas, mas muitas vezes é necessária a colaboração financeira de alguns pais ou responsáveis que pouco participam e valorizam a causa.

Em 2018, mesmo em meio a muitos contratemplos, com um calendário sortido de feriados, foi um ano bastante produtivo. Iniciou com uma linda homenagem às mulheres, no dia 08 de março, no qual foi comemorada a importância, valores e direitos das mulheres. Os alunos fizeram cartazes, parabenizando a todas as mulheres pelo seu dia, foi um momento encantador.

Dando continuidade ao ano letivo, chegou o mês de abril, um mês calmo, no qual as datas comemorativas são apenas comentadas e desenvolvidas com atividades lúdicas, narrativas, leituras, jogos educativos, criações individuais, criações coletivas e filmes, tudo para que haja uma compreensão produtiva para todos. São datas selecionadas a partir do calendário emitido pela Secretaria de Educação do município.

O mês de maio foi um mês agradável, com um feriado abrindo o mês, o 1º de maio, Dia do Trabalho, do qual não houve comemoração, apenas o feriado que alegrou a todo o corpo escolar. Logo após chega a data tão esperada por todos, o dia das mães. Nossa! A escola elaborou um tema inovador para festejar: *Mamãe Fitness*. Foi um dia lindo, porém, nem todas as mães participaram. A proposta da festa foi atribuir às mães um dia repleto de alegrias, com um desfile ao ar livre, puxado por um carro de som. Na festa, todas as mães vestiram-se a caráter. Prosseguiram para um ponto estratégico, localizado na pracinha do bairro, para uma aula de aeróbica. Em meio a tudo, foi perceptível a inconformidade de algumas das mães presentes (ou outras pessoas responsáveis pelas crianças como, por exemplo, tias), pois as

mesmas têm uma escolha religiosa que as “impedia” de participar da ação. Ao retornar, todas foram contempladas com um café da manhã *light*, sorteios de brindes, homenagens, discursos e comemorações, com aplausos e sorrisos.

Dando prosseguimento às comemorações, chegou o dia da Abolição da Escravatura e do Corpus Christi (comemoradas conjuntamente), no qual os professores discutiram sobre os temas com as crianças, cada qual na sua sala de aula.

Chegou junho, êta mês porreta! Um mês curto por causa dos festejos de Santo Antônio, São João e São Pedro. A princípio, a escola é laica, mas cultua Santo Antônio, para quem é ornamentado um pequeno altar na sala da diretoria, uma antiga tradição. Os alunos contam os dias para a chegada do São João. Ainda, existem aqueles que tem religião protestante, mas que também gostam da data. Afinal de contas, são apenas crianças.

A escola se prepara. É montado em cada sala um stand com comidas típicas, roupas a caráter e muita música. A festa é organizada por turnos e o objetivo é festejar o São João. Alguns alunos não participam, geralmente os responsáveis nem os levam para a escola nesse dia. Quando termina o festejo, é atribuído aos professores alguns dias de descanso, provenientes do recesso junino.

No mês de julho não há comemorações, só um simples gesto simbólico com pequenas lembranças para a vovó, no dia 26/07. Agosto chega e com ele a homenagem ao dia dos pais. Em 2018, a escola pediu aos alunos uma pequena colaboração para que pudessem produzir a lembrança dos pais. Já em setembro a escola preparou-se para o desfile que seria realizado na praça principal, onde todas as escolas da rede municipal iriam participar. Cada escola ficou com um tema e todo o corpo escolar iria ajudar a desenvolver a ornamentação das crianças que iriam desfilar. Alguns alunos hesitaram devido à sua escolha religiosa, ou melhor, a escolha religiosa dos seus pais. Foi necessário a ajuda de toda a escola, a qual organizou-se para fazer um cozido, para que todos pudessem degustar em meio à concretização dos trabalhos atribuídos a todos. Infelizmente o tempo mudou! Com uma aguaceiro de dar dó, o desfile foi suspenso na data prévia à realização do mesmo. A nova data ficou prevista para o 16 de setembro, dia em que tudo foi realizado com grande louvor.

A gestão parabenizou todo o corpo escolar, agradecendo toda dedicação dos mesmos para com toda a escola. Logo em seguida, foi ofertado a todos os profissionais um dia de descanso por conta do dia do desfile.

No dia 27 de setembro, aconteceu na escola uma pequena movimentação. Essa data é comemorada na igreja católica como o dia dos santos gêmeos São Cosme e São Damião. Na

religião do Candomblé, eles são representados pelos orixás Ibejis. Na festa, há o costume de distribuir doces e comidas às crianças. Perante toda essa história reconhecida há séculos, aqueles que repudiam a religiosidade católica e, particularmente, a religiosidade afro-brasileira, orientam os seus filhos nesta data a não pegarem balas ou qualquer tipo de comida na rua, pois essas comidas estariam sendo oferecidas ao diabo.

Na escola, as crianças já chegam comentando a respeito do dia dos santos gêmeos. Elas falavam assim: “Tia, tem um homem vestido de palhaço que fica oferecendo doces às crianças e depois ele coloca as crianças no carro e levam embora para fazer magia negra, arrancando as tripas!”.

Logo é necessário desmentir esse boato, porque alguns pais que tem religiões protestantes amedrontam os seus filhos para estes não pegarem as balas oferecidas dentro ou fora do ambiente escolar.

Alguns professores deram saquinhos de doces, agradecendo por alguma graça alcançada.

Houve recusa de algumas crianças, mas a grande maioria fez a festa, acumulando em suas mochilas uma grande quantidade de balas.

Houve mais de uma, de muitas datas comemorativas na escola. Uma data muito importante que repercute a nossa herança histórica e cultural é o dia da Consciência Negra. Infelizmente por conta de algumas desestruturas governamentais, como paralisações, descumprimentos de acordo salarial, etc., não houve uma programação festiva com culminância e festejos culturais dessa data. Houve apenas uma discussão sobre o tema, em particular, cada série em suas respectivas salas. O mais importante foi a conversação e a interação de todo o corpo escolar, que em meio a toda essa problemática, não deixou, de certa forma, de festejar esse dia. Em comum acordo, os professores contaram histórias referentes à semana da Consciência Negra. Teve também seção de filmes educativos que falavam a respeito da importância dos negros na sociedade, dos seus direitos e do reconhecimento dos mesmos em uma sociedade aparentemente democrática.

Foi um dia proveitoso, no qual gestores, professores, coordenadores e alunos saíram satisfeitos com o belíssimo trabalho de todos. Nesse dia, não houve problemática envolvendo a questão religiosa, pois, infelizmente, não houve a culminância do festejo, que se repetia todos os anos: não teve comida baiana como o caruru, o vatapá, arroz branco e galinha. Importa dizer que várias mães já tinham dito que se recusavam a que os seus filhos comessem essas comidas.

Muitos dos alunos comentaram a respeito de não ter havido essa comilança. Mas todo o contexto foi explicado, pois não havia tempo hábil para que fosse feito os procedimentos de costume. Mesmo assim, o resultado dos trabalhos em sala de aula foi muito positivo.

Foi notório também algumas frases construídas e sustentadas por alguns alunos, como, por exemplo, “Não sou negro, sou pardo!”, “Minha mãe é branca!”, “Deus me livre de ser preto!” ou “Ainda bem que não nasci no tempo dos escravos!”. Foi interessante.

Em relação à religiosidade dos professores e gestores da escola à que diz respeito este estudo, devo dizer que falar a respeito disso é um pouco complicado! Mas não é impossível. A escola, como já disse, é laica, e alguns professores preferem não falar sobre a sua escolha religiosa, talvez para não despertar nos outros críticas por muitas vezes desconstrutivas. No espaço escolar, não há muita diferença dos nossos lares, do nosso meio social. Alguns profissionais têm um diálogo aberto a respeito da sua escolha religiosa.

A partir do ouvido em algumas conversas, me dei conta que todos temem e creem em uma força maior, existente, Deus, mas deixam bem claro que sua religiosidade é algo íntimo, é um momento particular de busca de uma proteção divina. Independentemente daqueles profissionais que falam sobre isso, nota-se ainda que a religiosidade de algumas pessoas, mesmo que não seja oralmente dita, é por muitas vezes manifestada — lembremos da questão da comida do dia dos Santos Gêmeos, alguns professores levaram balas enquanto outros reprovaram a atividade.

O que se comenta na escola não é a escolha religiosa! É a maneira em que as crianças são de fato mediadas, pois as mesmas, a cada dia que passa, afastam-se de momentos socioculturais promovidos pela escola por conta das suas escolhas, ou, melhor, por conta das escolhas feitas pelos seus responsáveis.

Alguns profissionais que fazem parte do corpo da escola hesitavam em diversas situações em pronunciar-se a respeito de algumas problemáticas existentes na escola, como, por exemplo, a não participação por motivos religiosos de algumas crianças em algumas atividades culturais promovidas pela escola. É difícil contestar algo, a partir do momento em que indivíduos já têm uma concepção de vida formada. Em contrapartida, não há junção entre religiosidade e profissionalismo para com alguns de muitos profissionais da escola. Comenta-se que é preferível a neutralidade em algumas situações e que as atividades culturais não têm a ver com religião.

Venho a observar que em todo e qualquer tipo de atividade, projeto, comemoração, há sempre momentos que contradizem a real intenção pedagógica.

Em conversas informais, alguns professores, em relação à sua religiosidade, afirmam: frequentar as missas na Igreja católica, sempre quando dá; ser católica, não praticante, buscar a Deus em momentos que é tocada por ele; servir a um único Deus, que é um só, acreditar que tudo existe; ser católica praticante e ter sido professora de catequese; que não é necessário viver dentro da Igreja e sim confiar em Deus.

Eu, Barbara, me cuido no Candomblé, mas frequento a Igreja Católica, leio alguns livros espíritas e gosto de Seicho No Ie, que é uma seita que prega positividade, reuniões com propósito de pedir o perdão ao mundo, aos antepassados, às crianças que por algum motivo não estão aqui, etc.

5 COMO FOI DESENVOLVIDO ESTE ESTUDO

Para o desenvolvimento deste estudo, entre junho e julho de 2018, presencialmente na escola em cujo âmbito desenvolvi esta pesquisa, quando da saída das crianças da escola, conversei pessoalmente com várias famílias cuja religiosidade eu já conhecia. Fiz o convite para que participassem da pesquisa, pois é interessante compreender que, por trás de cada ser (e de cada família), há uma história de vida que influencia no seu desenvolvimento futuro. Na hora de fazer o convite, solicitei a presença, que não lhes tomaria muito tempo, de alguns membros da família praticantes da religião, para que fizessem parte da minha de pesquisa.

Ouvi alguns “nãos” mais nem por isso desisti de embasar o meu projeto: algumas pessoas falaram que não poderiam por questão de falta de tempo, outros por falta de vontade para participar, outros por acharem que não estariam preparados, etc. Compreendi a particularidade de cada membro da família, pois, religiosidade é algo íntimo, algo além de uma simples conversação. São também questões que mexem com possíveis feridas abertas.

Dentre todas as solicitações, se dispuseram a participar três famílias com suas respectivas filhas, que eu poderia entrevistar. São elas: Taís e sua filha Nicole, Luana e sua filha Emily e Bárbara Cristina e sua filha Anna.

Para que o trabalho de pesquisa em campo fosse efetuado solicitei às respectivas famílias seu número de telefone ou WhatsApp, para poder entrar em contato com elas e ver o local e data e horário onde faríamos o encontro. Daí então, posteriormente, foi marcada a data, o local e a hora em que as famílias dariam a sua contribuição para a minha pesquisa.

Os encontros onde as crianças elaboraram seus desenhos e eu fiz a entrevista com os seus responsáveis foram feitas individualmente, a 03 de fevereiro de 2019 (com Ana Sophia e sua mãe Bárbara), a 07 de março de 2019 (com Nicolle e sua mãe Thais) e a 19 de março de 2019 (com Emily e sua mãe Luana). Apresentei antes das entrevistas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, conferir Anexo I), que as mães leram e assinaram.

As entrevistas foram feitas em lugares diferentes, com Taís e Nicolle foi realizada no hall da sala da casa delas; com Luana e Emily, na sua escola; e com Bárbara e Ana Sophia, na pracinha em frente à sua casa.

No início de cada encontro, pedi autorização para poder gravar as falas, mas todas as mães participantes negaram-se, justificando que, se gravasse, elas ficariam nervosas e não conseguiriam se expressar muito bem. Então perguntei se poderíamos apenas conversar enquanto eu fazia algumas anotações da conversa no meu caderno. Elas aceitaram.

Não foi um processo demorado, pois, Taís, dona do lar, tinha várias tarefas a serem cumpridas; Luana, enquanto autônoma, teria que fazer algumas cobranças; e Bárbara, funcionária municipal, estava no seu horário de almoço.

A minha interação com as crianças sucedeu de forma paralela. Tive uma leve conversação com elas em que lhes propus que fizessem desenhos. Antes de começarem a fazer os seus desenhos, perguntei a elas o que é Deus para elas. Elas começaram a responder o que significava Deus para elas e eu pedi então que representassem isso nos seus desenhos, aquilo que para elas significa Deus. Pedi educadamente às mães que não intervissem na minha conversa com as suas filhas para minimizar a influência delas no desenho das crianças.

Foram tranquilas as entrevistas sempre respeitando suas limitações! Mas algo me chamou a atenção, a representação através dos desenhos das crianças, e em particular a representação da garotinha Emily.

Nicolle e Anna Sophia falavam muito em amor, família, cores, arco-íris, sorriso. Não foi tão diferente do discurso da garotinha Emily, mas seu comportamento foi algo ao inverso! De imediato, hesitou em desenhar, falando que estava com preguiça! Então falei: Emily, se não quiser fazer, não precisa dar continuidade!

Ela respondeu “Vou fazer do meu jeito, tá?”. Eu disse “tá bom, minha florzinha”.

Daí então ela começou a desenhar, daquele jeitinho, devagar, quase parando. A mesma hesitou por várias vezes em concluir o seu desenho.

Emily foi colorindo aos poucos o seu desenho e logo exclamou: “Já acabei!”

Respondi: “Que bom! Está lindo seu desenho! Tem certeza que já terminou?”

Ela disse: “Sim, não quero manchar a cor da minha família nem bagunçar o papel!”

Fiquei um pouco surpresa, mas não opinei nem intervim, pois os desenhos são uma representação pessoal de cada criança.

Para mim foi satisfatório, sem problemas nem conflitos aparentemente visíveis, apesar de ser uma problemática que mexe intimamente com as pessoas.

6 DESENHOS E CONVERSAS

Figura 1 - Deus na visão de Nicole



Fonte: Elaborado em encontro a 07 de março de 2019.

A 17 de março de 2019, Tais aceitou participar juntamente com sua filha de sete anos Nicolle na minha pesquisa de campo, após eu explicar para as duas a importância da minha pesquisa e da participação de ambas.

Começamos a pesquisa com uma boa conversa, deixando claro que poderiam ficar à vontade. Logo fiz a primeira pergunta a Nicole: O que seria religião ou Deus na sua visão? Ela respondeu que sempre frequentou a religião dos seus respectivos pais, a Assembleia de Deus, mas hoje frequenta a Igreja Católica. Afirma que seus responsáveis nunca a obrigaram a acompanhá-los no culto. Perguntei como seria a sua relação com Nicole a respeito da religiosidade. Ela respondeu que deixa a Nicole livre para fazer sua própria escolha, pois já tentou levá-la contra sua vontade para a Igreja Católica e não deu muito certo.

Tais acha que, independentemente da família ter sua religiosidade já caracterizada, não vê isso como um problema futuro para Nicole, mas deixa claro que não é de acordo a religião interferir no campo educacional.

Indaguei a respeito da convivência de Nicole com a escola. Ele respondeu que tem uma filha tranquila, conversa muito com ela, e que ela respeita a todos! Disse ainda que na convivência com os seus pais (os avós da Nicole) às vezes aparecem problemáticas, porque além do espaço, dividem também religiosidade e pensamentos. Disse ainda que, mesmo assim, é grata por tudo, inclusive à escola, também pelo carinho e respeito com sua filha.

Perguntei a ela se ela tem essa visão da escola porque ela é católica e a escola da filha é muito próxima do Catolicismo. Ela respondeu que não, pois a escola é a casa de todos e para todos. Ela entende que a doutrina que rege a escola nada tem a ver com a escolha pessoal.

Inseri novamente a garotinha na conversa e pedi para ela expor numa folha de papel ofício a sua visão religiosa. A Nicole perguntou então “o que é visão religiosa”? A mãe respondeu “É a maneira em que você vê Deus”. Disse que Deus é amor, que Deus é carinho, que Deus é o papai e a mamãe. Então Nicole disse: “É fácil tia! É rapidinho! Já sei, já sei.”

De imediato, dei a ela o papel ofício, lápis de cor, hidrocor, e deixei ela a vontade. Nicole sorriu o tempo todo maravilhada com sua arte e sua mãe satisfeita com carisma e a contribuição satisfatória para a minha pesquisa.

Agradei, dei um abraço em ambas e desejei-lhes sucesso.

Figura 2 - Deus na visão de Emily



Fonte: Elaborado em encontro a 19 de março de 2019.

A 19 de março de 2019, a senhora Luana aceitou participar na minha pesquisa de campo. Como já foi dito, Luana recusou-se a gravar a entrevista, mas permitiu contribuir para a pesquisa com uma breve conversa acompanhada pela menor Emily, sua filha de oito anos.

Iniciei a entrevista deixando claro que nem ela nem sua filha seriam obrigadas a responder o que elas não quisessem. Deixei elas a vontade.

A primeira pergunta foi a respeito da sua religiosidade, se ela tinha alguma religião e se a seguia ou apenas frequentava. Ela respondeu que frequentou religião de matrizes africanas e a Igreja Católica. Disse que nessas religiões encontrou seu porto seguro para os momentos difíceis em que se encontrava. Perguntei se queria expor esses momentos difíceis. Então, ela só disse que era algo a respeito da sua filha, e que era muito íntimo, portanto, achamos melhor não expor. Respeitei seu posicionamento e prossegui. Perguntei o que ela achava a respeito da junção entre escola e religião. Ela respondeu que família e escola devem estar sempre juntos para se tentar resolver problemas que surgem durante a vida das crianças.

Questionei então como seria essa junção. Ela respondeu que não temos preparo e que acredita que muitos educadores também não tenham, mas pensa que toda forma de olhar para o outro humanamente já é uma ajuda.

Perguntei então a Luana se, na sua vida em particular, os seus pais interferiram na sua escolha religiosa e se ela interfere na religião de Emily. Ela respondeu que não, que a sua família frequentava a igreja mas que os pais dela nunca a obrigaram a nada. Disse que como ela era de menor, eles sempre que podiam a levavam, mas nunca foi obrigada a ir. Disse que com a sua filha, ela faz o mesmo. Que ela a acompanha em alguns momentos como também acompanha a avó por parte de pai, dona Lina, que é evangélica. Ela orienta a Emily que ela é uma criança e que não precisa ter compromisso com a religião e sim respeitar a Deus.

Aproveitei então e inseri a garotinha na entrevista, perguntando para ela: Como seria Deus para você? Emily me respondeu dizendo que é tudo de bom! Então pedi para que ela expressasse através de desenho o que é Deus para ela.

Assim foi feito ao lado de sua mãe que também a orientou. A Luana fez orientações muito semelhantes às orientações que a Taís fez quando a Nicole foi fazer o seu desenho.

A garotinha fez o desenho, representando a sua crença em meio a uma preguicinha. Mostrou algumas insatisfações, exclamando: “Ah tia, está bom! Não precisa muita coisa e nem pintar também para o papel não ficar manchado com tantas cores.”

Daí, de imediato, agradei pela participação das duas na minha pesquisa.

Figura 3 - Deus na visão de Ana Sophia



Fonte: Elaborado em encontro a 03 de fevereiro de 2019

A 03 de fevereiro de 2019, entrevistei Bárbara Cristina e sua filha Anna Sophia, de sete anos. A entrevista com elas foi também tranquila. Sugeri falar com elas por separado, mas Bárbara disse que não se importaria de responder a algumas questões ao lado da sua filha, pois era de costume a filha participar de alguns diálogos dentro da sua residência.

Então, fiz a primeira pergunta: O que Bárbara compreendia ser religião?

Ela me respondeu: “É tudo que envolve o plano espiritual, é um mundo intocável de certezas e incertezas, um mundo que influencia diretamente com o plano carnal.”

Perguntei sua religião: Adepta ao Candomblé, assume o Candomblé como religião, mas frequenta outras religiões caso necessitar, “até porque toda ajuda é bem-vinda”.

Perguntei também como é a relação dela com a filha religiosamente falando. Ela respondeu que a Anna simplesmente a segue sem questionamentos, até porque ela não se governa para fazer escolhas principalmente religiosas, logo, tem situações como a escolha de roupas, religião, o que vai comer, “acho que ainda não é o momento de dar essa autonomia a Anna. Falo sempre a ela que terá hora para tudo”.

Eu perguntei então se agia dessa forma também em relação à escola e aos embates religiosos vivenciados no âmbito escolar. Ela respondeu que a criança reflete o que os pais ensinam e alimentam dentro da escola e que “o nome criança já está dizendo tudo, criança. Acho que não deveria haver preconceitos mas se isso parte de familiares e até mesmo da escola, a criança que faz o outro passar certos tipos de constrangimentos não tem culpa”.

Percebi que Barbara é taxativa nas suas conclusões, mesmo na sua convivência familiar, pois a menor tentou duas vezes interromper a conversa e ela não permitiu dizendo: “Agora mamãe está ocupada, espere um pouco.”

Naquele momento, ela introduziu a criança na conversa, inclusive porque ela precisaria conversar com a sua filha também para que pudesse expressar através do desenho o que entendia a respeito de religião. A Anna então disse: “É tudo de bom, Deus só faz o bem, é as crianças, tudo de bom.”

Perguntei se ela sabia o que era orixá, já que frequentava também o Candomblé, ela disse: “Faz o bem, é Deus, também tudo que faz o bem para gente é Deus”. Ela representou no seu desenho a imagem de pai, mãe, nuvens, céu e cores.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Através das representações desenvolvidas pelas crianças entrevistadas para esta pesquisa por meio da oralidade e de desenhos, notei a relevância de suas expressões religiosamente falando. Os desenhos levam a gente a crer que as crianças assimilam e passam uma série de discursos idealizados e formulados pelos seus responsáveis legais e pela convivência sócio-cultural.

Independente de viverem ou crerem em contextos religiosos diferenciados, através dos desenhos estudados nesta pesquisa, notei que a concepção religiosa das crianças é parecida: há uma representação do céu (seja através do sol, de nuvens, etc) que ocupa um espaço muito maior que as pessoas desenhadas; uma representação de família nuclear (de quatro, duas e três pessoas), cujos membros têm os pés na terra (representada por grama verde); e no caso do segundo desenho, uma representação de corações que simbolizariam o amor. Não há nenhuma representação de deus identificável com as figuras religiosas que o representam (Jesus, representações de orixás, etc). Os desenhos das crianças refletem o que ouviram das suas mães quando fizeram a atividade, o que mostra que essas crianças estão numa idade na qual é muito difícil ter uma visão própria do que seja “Deus” ou “religião” e que, quando se pede a elas representarem esse deus ou essa religião, elas apenas reproduzem o que ouvem dos adultos mais próximos.

Este trabalho traz, portanto, o paradoxo de crianças que se encontram numa idade na qual é muito difícil (por não dizer impossível) ter uma visão autônoma e própria do que seja “deus” ou “religião” mas que, no dia a dia da escola, têm a sua rotina muito afetada em função da visão de “deus” ou de “religião” que os seus responsáveis têm, principalmente os seus pais. Elas têm a rotina afetada tanto pelas proibições dos pais em relação a atividades das quais elas não podem participar (por exemplo, a festa dos santos gêmeos São Cosme e São Damião, dentre outras), como dos professores (lembro agora do caso de professores que proibiam o uso de turbante por meninas que recém tinham feito o santo no Candomblé) e até mesmo dos próprios colegas (nesse mesmo caso, as próprias crianças incitavam o professor a proibir a menina de usar turbante, pois ele teria proibido eles anteriormente de usar boné, por exemplo).

Busquei diante de todo esse contexto, demonstrar com o meu trabalho para todos que possam ter a oportunidade de ler e ter acesso à importância da escolha religiosa da criança, da criança ter o tempo necessário para seu amadurecimento psíquico e para buscar sua identidade sócio-cultural, assim como a importância da orientação dos seus responsáveis, para que as

crianças não sejam tratadas como marionetes sem direito a ter direito sobre suas vidas e suas possibilidades de aprendizado na escola.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de minha experiência numa escola pública em Santo Amaro da Purificação / BA e através desta pesquisa com três crianças e suas mães, tive a oportunidade de refletir sobre as insatisfações, os descontentos, as alegrias, as dúvidas de crianças no âmbito escolar relacionadas à sua religiosidade.

Significou muito para mim pois, ao contrário de algumas pessoas, que acham que criança não pensa, não idealiza, foi possível perceber que as crianças, ainda que sigam um discurso formulado por outros, são seres pensantes que necessitam de fato ser ouvidos e respeitados.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CARIOLA, Teresa Corrêa. O desenho da figura humana de crianças com bruxismo. **Boletim de Psicologia**, Vol.56(124),2006, pp.37-52
- CASTELO BRANCO, Jordanna; CORSINO, Patrícia. O discurso religioso em uma escola de Educação Infantil: Entre o silenciamento e a discriminação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 3, 2015, p. 128-142.
- CASTRO, Elisa Kern de; MORENO-JIMÉNEZ, Bernardo. Indicadores emocionais no desenho da figura humana de crianças transplantadas de órgãos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Vol.23(1), 2010, pp. 64-72.
- CAVALCANTI, Sandra Lopes; CORREIA, Divanise Suruagy; TAVEIRA, Maria das Graças Monte Mello. Adolescentes com neoplasia: desenho como expressão de emoções. **Revista de Enfermagem UFPE**, Vol.13 (4), 2019, p. 1-12.
- DIAS, Talita Pereira; ALMEIDA, Nancy Vinagre Fonseca de. Atividade de desenho como mediadora de interações sociais entre crianças. **Paidéia**, Vol.19(44), 2009, pp. 313-322.
- DOMINGOS, Marília De Franceschi Neto. Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância. **Revista de Estudos da Religião**. 2009, Set, p. 45-70.
- ESCUDEIRO, Cristiane Moraes; BARBOSA, Eliza Maria; SILVA, Janaína Cassiano. O desenho infantil de crianças de três anos e sua articulação com os rudimentos da escrita. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Vol.11(4), 2016, pp. 2287-2305.
- FERNANDES, Beatriz Silverio. O desenho como recurso auxiliar em psicoterapia de grupo com crianças. **Vínculo**, Vol.3(3), pp.46-55
- PRUDENCIATTI, Shaday M.; TAVANO, Liliam D'Aquino; NEME, Carmen Maria Bueno. (2013). O Desenho: Estória na atenção psicológica a crianças na fase pré - cirúrgica. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, Vol.33(85), 2006, pp. 276-291
- FREITAS, Neli Klix. Educação Inclusiva e Cidadania: o desenho como forma de acesso aos significados das experiências de crianças com necessidades especiais. **Educativa**, v. 19(1), 2016, pp. 99-119.
- GOLDBERG, Luciane.; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo. **Rev. Humanidades**, v. 32, n. 2, 2017, p. 172-179.
- GONÇALVES, Andrielle Novak; BORTOLOTTI, Fernanda Seidel; MENEZES, Marina; BROERING, Camilla Volpato; CREPALDI, Maria Aparecida. Memórias sobre cirurgias eletivas: o que expressam as crianças. **Revista da SBPH**, Vol.17(1), 2014, pp.05-25

GRUBITS, Sonia. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicologia em Estudo**. Vol.8(spe), 2003, pp. 97-105.

HISTER, Rejane. A criança e o seu desenho: uma construção significativa na idade pré-escolar. **Eventos Pedagógicos**, Vol.6(4), 2015, pp. 252-261.

MENEZES, Marina; MORÉ, Carmen L. O. Ocampo; CRUZ, Roberto Moraes. O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas. **Avaliação Psicológica**, Vol.7(2), 2008, pp. 189-198.

NATIVIDADE, Michelle Regina Da; COUTINHO, Maria Chalfin. O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças. **Psicologia e Sociedade**, Vol.24(2), 2012, pp. 430-439.

NATIVIDADE, Michelle Regina da; COUTINHO, Maria Chalfn; ZANELLA, Andréa Vieira. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínicos**, v. 1, n. 1, 2008, p. 9-18.

OLIVEIRA BONCI, Estela Maria. Uma janela aberta para a leitura de mundo: o desenho de crianças de 9/10 anos a partir de intervenções pedagógicas. **Revista Confluências Culturais**, Vol.3(2), 2014, pp. 105-106.

PACHECO, Caroline Brendel. The use of drawings in the study of musical perception: A preliminary study with children. **Música Hodie**, Vol.7 (1), 2007, p. 121.

PERES, Rodrigo Sanches. O desenho como recurso auxiliar na investigação psicológica de crianças portadoras de surdez. **Psic: revista da Vetor Editora**, Vol.4(1), 2003, pp. 22-29.

SANTOS, Clézio Dos. The Drawing Of Place: An Experience In Childhood's Geography In "Baixada Fluminense". **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Vol.6(11), 2016, pp. 185-207.

SCARELI, Giovana; DA SILVA GAVA, Sabrina. Desenho infantil e produtos culturais: como aparecem as sereias?. **Childhood and Philosophy**, Vol.12 (25), 2016, p. 659-687.

SILVA, Fabiana Maria Lobo da. Liberdade de religião e o ensino religioso nas escolas públicas de um Estado laico. Perspectiva jusfundamental. **Revista de Informação Legislativa**, n. 206. 2015, p. 271-298.

SILVA, Marcilene Do Nascimento; SOUZA, Isabela Augusta Andrade. A imaginação e a linguagem expressas no dezenho da criança. **Eventos Pedagógicos**, Vol.2(2), 2011, pp. 123-131.

SILVA, Silvia Maria Cintra Da. Condições sociais da constituição do desenho infantil. **Psicologia USP**, Vol.9(2), 1998, pp. 205-220.

TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury. O desenho da figura humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, Vol.37(92), 2017, pp. 63-78.

TENUTA, Adriane Ribeiro Andaló. Um olhar semiótico sobre as várias maneiras de desenhar um cubo. **Estudos Semióticos**, v. 1, 2005.

TIETZE, Francisca; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. Educação integral: significações por alunos de ensino fundamental pelo par educativo. **Revista Psicopedagogia**, Vol.33(100), 2016, pp. 5-18.

ZERBATO, Ana Paula; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Desenho infantil e aquisição de linguagem em crianças surdas: um olhar histórico-cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Vol.21(4), 2015, pp. 427-442.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que estou ciente de que o objetivo da **pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)** da discente do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) **Bárbara Elaine**, orientada pelo Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola, com o título provisório “A religião na visão da criança e da família no âmbito da escola [REDACTED] (Santo Amaro da Purificação – BA)”, é investigar como a educação religiosa que crianças de primeira e segunda série da escola de ensino fundamental [REDACTED], do município de Santo Amaro da Purificação – BA, recebem no âmbito familiar (em casa) se reflete no âmbito escolar (na escola) e qual é a perspectiva (opinião) dos pais e das crianças sobre essa questão.

Declaro que aceito participar desta pesquisa e que estou ciente que posso me recusar a participar a qualquer momento.

Autorizo, portanto, à Bárbara Elaine, a fazer uso do material coletado em entrevistas comigo e a partir dos desenhos e conversas com o/a nosso/a filho/a _____ para fins de elaboração da sua monografia de Trabalho de Conclusão de Curso.

E para que assim conste assino a presente declaração em _____ a _____ de _____ de 2019.

Assinado:

Título (provisório) da pesquisa: “A religião na visão da criança e da família no âmbito da escola [REDACTED] (Santo Amaro da Purificação – BA)”

Nome da pesquisadora: Bárbara Elaine

Telefone: _____, **e-mail:** barbaraelaine201@gmail.com

Nome do orientador: Carlos Maroto Guerola

Telefone: _____, **e-mail:** guerola@unilab.edu.br